

4.º BIMESTRE - 2013



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO

LP7

GINÁSIO CARIOCA

ESCOLA MUNICIPAL: _____

NOME: _____ TURMA: _____



AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Professores Regentes

Adriana Mendes Pereira

Jeane Sá Santiago

Solange Maia Sabino

EDUARDO PAES
PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

CLAUDIA COSTIN
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

REGINA HELENA DINIZ BOMENY
SUBSECRETARIA DE ENSINO

MARIA DE NAZARETH MACHADO DE BARROS VASCONCELLOS
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO

ELISABETE GOMES BARBOSA ALVES
MARIA DE FÁTIMA CUNHA
COORDENADORIA TÉCNICA

GINA PAULA BERNARDINO CAPITÃO MOR
ORGANIZAÇÃO

FERNANDO AROSA
ELABORAÇÃO

LEILA CUNHA DE OLIVEIRA
VAGNER LUCIO DE LIMA
REVISÃO

FÁBIO DA SILVA
MARCELO ALVES COELHO JÚNIOR
DESIGN GRÁFICO

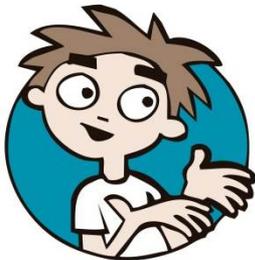
EDIURO GRÁFICA E EDITORA LTDA.
EDITORAÇÃO E IMPRESSÃO

<http://11.gstatic.com/images>





Multirrio



No caderno anterior, você estudou o gênero textual **crônicas**. Vamos, então, ler uma crônica literária e relembrar o que a faz ser classificada dessa forma.

A arte de ser feliz

Ser feliz é uma arte?

Houve um tempo em que a minha janela se abria para um chalé. Na ponta do chalé brilhava um grande ovo de louça azul. Nesse ovo costumava pousar um pombo branco. Ora, nos dias límpidos, quando o céu ficava da mesma cor do ovo de louça, o pombo parecia pousado no ar. Eu era criança, achava essa ilusão maravilhosa, e sentia-me completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela dava para um canal. No canal oscilava um barco. Um barco carregado de flores. Para onde iam aquelas flores? quem as comprava? em que jarra, em que sala, diante de quem brilhariam, na sua breve existência? e que mãos as tinham criado? e que pessoas iam sorrir de alegria ao recebê-las? Eu não era mais criança, porém minha alma ficava completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela se abria para um terreiro, onde uma vasta mangueira alargava sua copa redonda. À sombra da árvore, numa esteira, passava quase todo o dia sentada uma mulher, cercada de crianças. E contava histórias. Eu não a podia ouvir, da altura da janela; e mesmo que a ouvisse, não a entenderia, porque isso foi muito longe, num idioma difícil. Mas as crianças tinham tal expressão no rosto, e às vezes faziam com as mãos arabescos tão compreensíveis, que eu participava do auditório, imaginava os assuntos e suas peripécias e me sentia completamente feliz.



Houve um tempo em que a minha janela se abria sobre uma cidade que parecia feita de giz. Perto da janela havia um pequeno jardim quase seco. Era numa época de estiagem, de terra esfarelada, e o jardim parecia morto. Mas todas as manhãs vinha um pobre homem com um balde e, em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas. Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse. E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros, e meu coração ficava completamente feliz.

Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor. Outras vezes encontro nuvens espessas. Avisto crianças que vão para a escola. Pardais que pulam pelo muro. Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais. Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar. Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino. E eu me sinto completamente feliz.

Mas quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

MEIRELES, Cecília. *Escolha o seu sonho*. Rio de Janeiro, Editora Record. 11ª ed. s/d. FRAGMENTO.

Observe que o narrador fica feliz com as situações e paisagens cotidianas.

Glossário: **aspersão** – ato ou efeito de aspergir, borrifar ou respingar.

A crônica literária traz, como traço marcante, o olhar para o cotidiano, traduzido em linguagem poética. A vivência da cronista e suas observações sobre a vida aparecem no trabalho com as palavras, usadas de forma artística, intensificando emoções.

ESTUDO DO TEXTO

1- No decorrer da crônica, percebe-se que o narrador apresenta os fatos, aqueles colhidos pelo olhar, em dois momentos distintos: passado e presente. Volte ao texto e sublinhe, com um traço, o momento que marca o passado e, com dois traços, o momento que marca o presente.

2- Há, em toda a crônica, um sentimento que permanece na percepção do narrador. Que sentimento é esse? Justifique sua resposta com um trecho do texto.

Multirio



Vamos agora pensar um pouco sobre a pontuação. A pontuação de um texto nos dá uma orientação da leitura que devemos fazer dele. Quem escreve, escolhe, segundo as regras de pontuação, o que quer dizer, ou seja, a pontuação pode trazer um significado, pode causar um efeito de sentido.

3- Observe a pontuação e responda:

Veja que o início do trecho é marcado por frases curtas.

“Houve um tempo em que a minha janela dava para um canal. No canal oscilava um barco. Um barco carregado de flores. Para onde iam aquelas flores? quem as comprava? em que jarra, em que sala, diante de quem brilhariam, na sua breve existência? e que mãos as tinham criado? e que pessoas iam sorrir de alegria ao recebê-las? Eu não era mais criança, porém minha alma ficava completamente feliz.”

Você percebeu que as palavras estão escritas em minúsculo, mesmo vindo depois do ponto de interrogação?

a) Retire do trecho um exemplo de uso de pontuação cuja finalidade é perguntar algo.

b) Por que as palavras aparecem em minúsculo após as interrogações?

c) Para garantir a sequência das duas últimas perguntas, uma palavra é usada. Que palavra é essa?

4- Veja, agora, o último parágrafo:

“Mas quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, **uns** dizem que essas coisas não existem diante das minhas janelas, e **outros**, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.”

As palavras em destaque têm um sentido. Pode-se perceber que elas se referem a pessoas em geral. Essas pessoas apresentam opiniões distintas sobre as “felicidades certas”. Retire, do texto, essas opiniões.

5- Toda narrativa apresenta fatos que ocorrem em determinado tempo e lugar. Na crônica lida, os fatos ocorrem em lugares bem definidos. Aponte-os, completando o quadro abaixo.

PARÁGRAFO	TEMPO	LUGAR (ES)
1.º parágrafo		
2.º parágrafo		
3.º parágrafo		
4.º parágrafo		



Pequenas felicidades certas

Na crônica, vimos que admirar um pombo branco que pousa num ovo de louça azul ou um barco carregado de flores trazia felicidade para a cronista desde a sua infância.

Pense em paisagens ou situações que podem trazer “pequenas felicidades certas” para você, em seu cotidiano.

Se desejar, aproveite o título colocado no início da proposta.

Ao terminar, mostre seu texto a um colega e compartilhe sua emoção. Ou, então, combine com seu Professor e leia para a turma.



O que é efeito de sentido?

Quando queremos dizer algo, emitimos uma mensagem, um enunciado. Quando dizemos algo, é ali que estão os sentidos, os significados. Por isso, quando escolhemos uma determinada palavra, um sinal de pontuação, entre outros recursos da língua, estamos criando sentidos.

Vamos observar outro trecho do texto de Cecília Meireles e analisar a escolha das palavras:

“...Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse. E eu **olhava** para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros, e meu coração ficava completamente feliz.
Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor. Outras vezes encontro nuvens espessas. **Avisto** crianças que vão para a escola. Pardais que pulam pelo muro.”[...]

As palavras em destaque não foram escolhidas por acaso. Além de evitar a repetição de vocábulos, a escolha delas traz ao texto uma riqueza de sentidos. Veja o verbete da palavra avistar:

1. Começar a distinguir ao longe: *Quando avistou os primeiros arranha-céus de sua cidade, teve um gesto de orgulho bairrista.* 2. Alcançar com a vista (o que está ao longe): *Avistei as cabras que pastavam nos alcantis. Do outeiro, avistou ao longe os edifícios. Os marinheiros avistaram no horizonte sinais de tempestade iminente.* 3. Achar, encontrar: *"Avista-me logo com escorcha, fancarista, lanhante, pasticar, livresco"* (Afonso de Taunay). 4. Ter entrevista ou conferência com: *Marcou o dia para avistarmos-nos. Não me foi possível avistar-me com S. Exa.* 5. Encontrar-se casualmente: *Ao sair do cartório, avistou-se com o seu antagonista.*

Que sentido a palavra **avistar** é usada no trecho?

O sentido da palavra **avistar** no trecho é diferente do da palavra olhar, apesar de serem sinônimas. Isso é efeito de sentido. Cada escolha quer dizer alguma coisa; no caso, o narrador estabelece proximidade com o objeto quando usa o verbo olhar e certa distância quando usa avistar. Isso é efeito de sentido.



Vamos ler, agora, outro texto: **O luar.**
Trata-se de uma tirinha bastante interessante!



<http://www.templeguitano.com.br/2012/06/tiras-de-mauricio-nunes-luar.html>

Observe a tirinha e responda:

1- O que as personagens da tirinha estão fazendo?

2- A noite está enluarada mas parece fria. Que detalhe da imagem nos permite chegar a essa conclusão?

3- No 1.º quadrinho da tira, a personagem reclama do lugar em que ficou sentada. Retire da tira o trecho que comprova essa afirmação.

4- Há um clima sentimental na tira? Como podemos perceber isso?

5- Há uma mensagem no texto que não está expressa claramente, mas que é possível reconhecer quando fazemos uma leitura mais detalhada. Aqui, nessa tirinha, a lua exerce um papel importante na mensagem, mas que não está dito. Que mensagem é essa?

Leia os textos abaixo com bastante atenção!



A

B

Numa noite fria e enluarada, uma moça e um rapaz, sentados separadamente, parecem estar dialogando. Um deles afirma que o melhor lugar para olhar as estrelas está sempre ocupado. O outro responde que o melhor lugar para se olhar estrelas é ao lado de alguém.

Comparando os dois textos, podemos afirmar que se trata da mesma história, contada de formas diferentes. Analise os dois textos quanto

à linguagem utilizada:

A

B

à presença do narrador:

A

B

FIQUE LIGADO!!!

- ✓ Quando a fala do próprio personagem é reproduzida no texto, chamamos o discurso de **discurso direto**.
- ✓ Se é o narrador quem nos apresenta a fala do personagem, chamamos o discurso de **discurso indireto**.

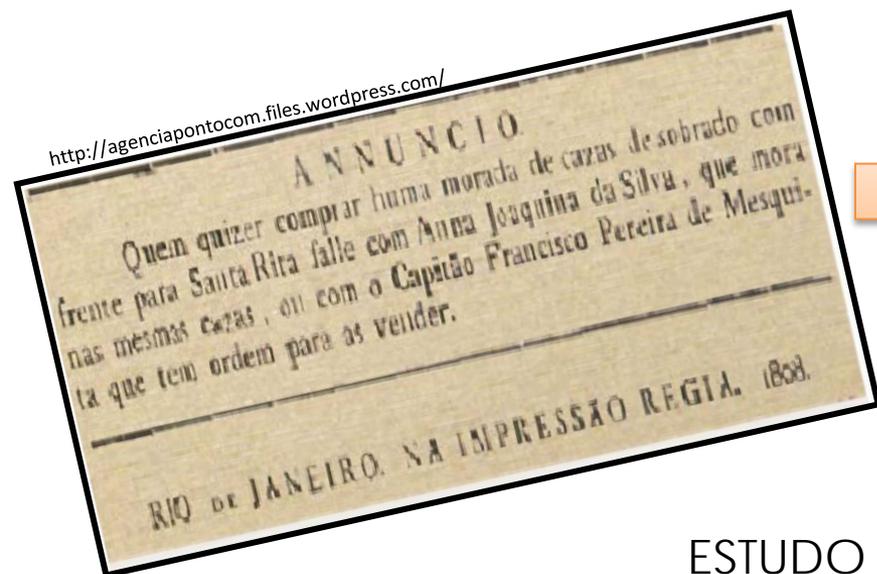


Primeiro anúncio oficial



Você vai ler um texto muito antigo, que mostra como eram os anúncios publicitários no século XIX.

Os primeiros anúncios foram publicados no jornal Gazeta do Rio de Janeiro, em forma de classificados. Esse foi o gênero dominante na publicidade do século XIX.



ANNUNCIO

Quem quizer comprar huma morada de cazas de sobrado com frente para santa Rita falle com Anna Joaquina da Silva, que mora nas mesmas cazas, ou com o Capitão Francisco Pereira de Mesquita que tem ordem para as vender.

RIO DE JANEIRO, NA IMPRESSÃO REGIA. 1808.

ESTUDO DO TEXTO

1- O anúncio publicado na Gazeta do Rio de Janeiro se dirige a que público?

2- Se houver interesse na compra, a quem o comprador deve se dirigir?

3- Além do ano de 1808, que outros elementos nos permitem concluir que esse texto é muito antigo?





Mulirão



Você percebeu que os anúncios não tinham imagens? Isso mudou com os avanços tecnológicos. Veja.

Novos recursos na indústria gráfica nos trouxeram os anúncios ilustrados

Empresas anunciantes como a Nestlé e a Emulsão Scott, investem na publicidade brasileira, adotando anúncios com ilustrações. A indústria gráfica passa a usar recursos mais avançados. Os anúncios ganham cores, com o lançamento das revistas ilustradas. A publicidade brasileira se moderniza.



www.projetomemoria.art.br



tinypic.com

www.radioantique.com.br



A história da publicidade brasileira surgiu bem antes dos nossos atuais anúncios. Hoje, você conhece muitos produtos por meio da televisão, mas nem sempre foi assim. Os registros, de meados de 1800, data inicial da história da publicidade brasileira, revelam que os anúncios eram feitos nos jornais e revistas que circulavam pelo país.

Desde a sua origem, até os dias de hoje, a publicidade passou por importantes e grandes mudanças, acompanhando as necessidades do mercado.

No início do século XX, surge o rádio, trazendo outras possibilidades de comunicação: há uma nova forma de anunciar produtos, com a utilização desse veículo. O público conhece, dentro da programação transmitida, os produtos anunciados com textos específicos e músicas que ampliavam sua popularização.

O tempo passou... A publicidade acompanhou as mudanças do mundo... Veja como a linguagem da internet foi aproveitada no anúncio publicitário.

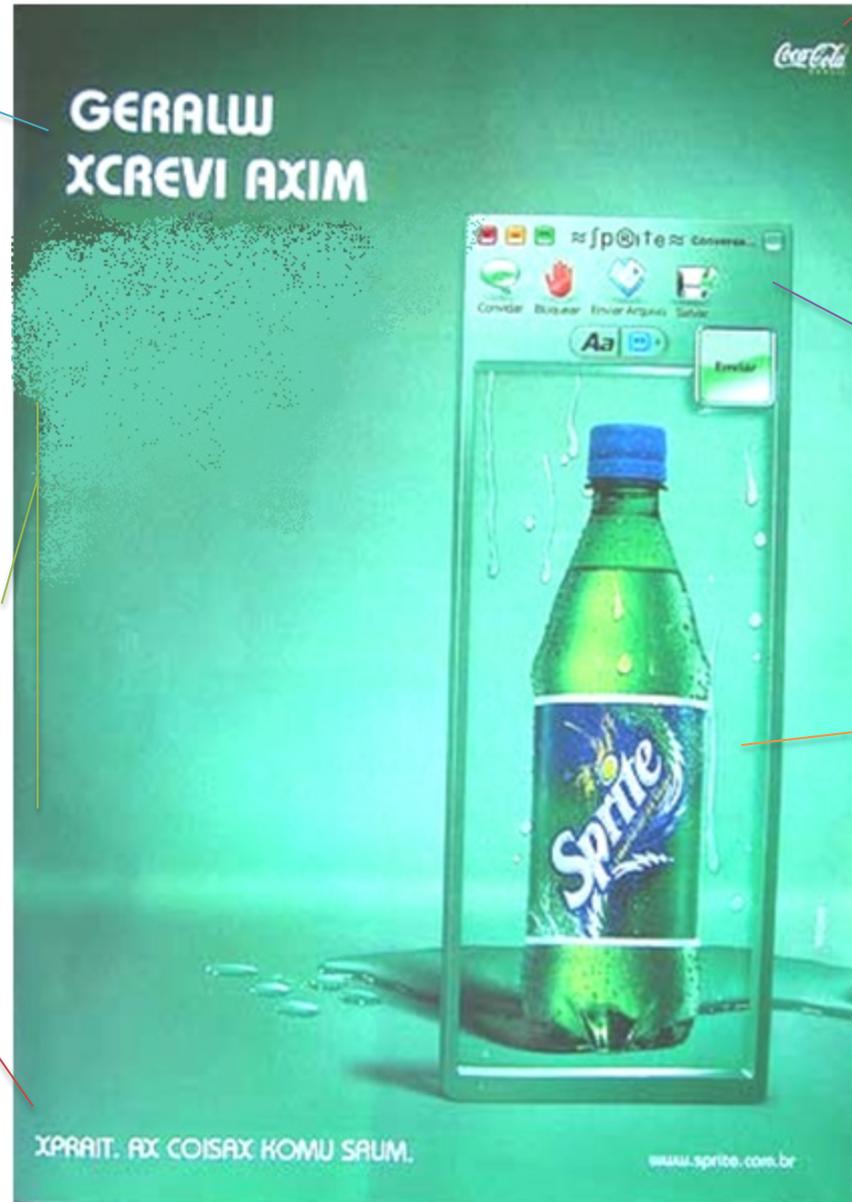
Observando imagens...



SLOGAN:
TÍTULO DA MENSAGEM
QUE SE QUER
TRANSMITIR.

A combinação dos elementos da propaganda – imagens, textos, formas e cores – provoca sempre um efeito visual que pode torná-la mais ou menos eficaz. Por isso, a forma como se organiza a composição desses elementos é muito importante!

O TEXTO AUXILIAR SERVE PARA ACRESCENTAR INFORMAÇÃO:
“XPRAIT. AX COISAX KOMU SAUM”



LOGOMARCA DO ANUNCIANTE

IMAGEM

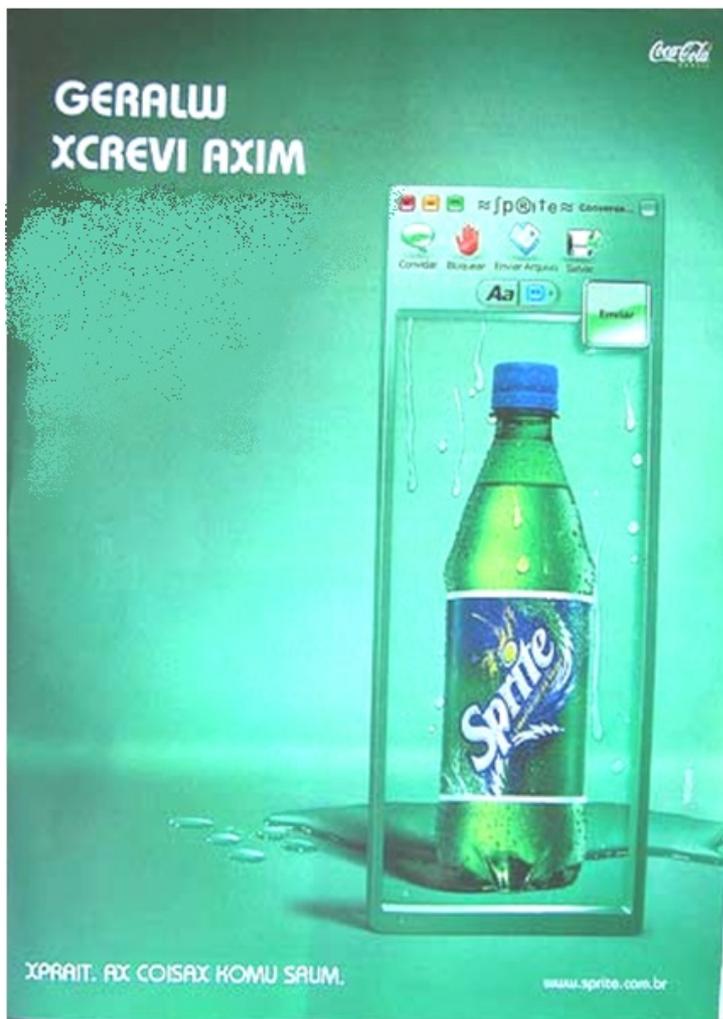
PRODUTO

Adaptado de <http://farm3.static.flickr.com/>

XPRAIT. AX COISAX KOMU SAUM.

www.sprite.com.br

ESTUDO DO TEXTO



O texto auxiliar “XPRAIT, AX COISAX KOMU SAUM.” revela que o anunciante possui um registro escrito em uma linguagem diferente da linguagem formal.

1. Você também conhece essa linguagem? De onde você a conhece?

2. O texto do anúncio é misto, ou seja, utiliza linguagem verbal e não verbal. A união das duas contribui para o sentido da mensagem. Indique que elemento não verbal nos dá a certeza de se tratar de uma linguagem usada na internet.

3. Que significado a palavra Geral assume nesse contexto?

4. Reescreva, aqui, o *slogan* da campanha publicitária, utilizando a linguagem formal.

5. Analisando todos os dados, podemos afirmar que, de acordo com a linguagem utilizada, a propaganda procura alcançar que tipo de consumidor?



Paródia é a recriação de uma obra geralmente conhecida e consagrada. A construção da paródia traz um novo olhar, com tom irônico, engraçado, crítico e/ou contestador.

Na história da publicidade, a paródia foi muitas vezes utilizada para chamar ainda mais a atenção do público para o que se quer anunciar. Veja o trabalho de arte com a utilização de música na campanha de publicidade cuja proposta de tema é “Entre no ritmo”.

GAROTA DE IPANEMA

Tom Jobim

Olha que coisa mais linda

Mais cheia de graça

É ela menina

Que vem e que passa

No doce balanço, a caminho do mar

Moça do corpo dourado

Do sol de Ipanema

O seu balançado é mais que um poema

É a coisa mais linda que eu já vi passar

Ah, porque estou tão sozinho

Ah, porque tudo é tão triste

Ah, a beleza que existe

A beleza que não é só minha

Que também passa sozinha

Ah, se ela soubesse

Que quando ela passa

O mundo inteirinho se enche de graça

E fica mais lindo

Por causa do amor



<http://www.portaldapropaganda.com.br/portal/propaganda/19648-bossa-nova-na-campanha-da-hortifruti>

SLOGAN

Frase resumida e marcante que se destina a ser rapidamente memorizada pelo leitor/consumidor, e que costuma ser repetida sempre, em toda propaganda desses produtos.

<http://letras.mus.br/tom-jobim/20018/>

Você sabia ?

A propaganda faz parte do nosso cotidiano: são os comerciais de rádio, de televisão, jornais, revistas, cartazes ...

Você notou que o texto tem a finalidade de conquistar e convencer o possível comprador?

Ele pretende chamar sua atenção, despertar seu interesse e criar a necessidade de consumir um determinado produto.

Utiliza, como estratégia, frases curtas, que facilitam a compreensão e a memorização.

ESTUDO DO TEXTO

1- A quem é dirigido esse anúncio?

2- Que trecho da letra da canção foi utilizado como base para a paródia?

3- Qual o slogan dessa propaganda?

4- Que elemento na imagem nos permite afirmar que é a couve quem canta?

5- Que detalhes da imagem do cartaz reforçam a relação existente entre este anúncio e a letra da canção?



Agora faça o seu anúncio publicitário. Escolha um livro ou revista em quadrinhos para anunciar.

Crie um **SLOGAN**. Lembre-se de que **SLOGAN** é uma frase resumida, marcante...

Anuncie aqui. Utilize frases curtas, convincentes, que mostrem as vantagens do que está sendo anunciado.

Se desejar, realize a atividade em grupo. Combine com seu Professor.

Vamos trabalhar outro gênero textual muito conhecido por todos nós: o CONTO. Neste caderno, trabalhamos o conto popular.

O conto é um texto de base narrativa que... conta histórias! Existem diferentes tipos de contos... São histórias para todos os gostos! O conto apresenta uma sequência de fatos, vividos por personagens, em determinado tempo e lugar. Algumas vezes traz um narrador que é apenas um observador, outras vezes é uma personagem quem conta a história.

Vamos ver, a seguir, algumas características dos contos em geral:

- ✓ É UMA NARRATIVA CURTA.
- ✓ O TEMPO EM QUE SE PASSA É REDUZIDO.
- ✓ A LINGUAGEM É SIMPLES E DIRETA.
- ✓ TODAS AS AÇÕES SE ENCAMINHAM DIRETAMENTE PARA O DESFECHO.
- ✓ ENVOLVE POUCOS PERSONAGENS E, OS QUE EXISTEM, MOVIMENTAM-SE EM TORNO DE UMA ÚNICA AÇÃO.
- ✓ AS AÇÕES SE PASSAM EM UM SÓ ESPAÇO, CONSTITUEM UM SÓ EIXO TEMÁTICO E UM SÓ CONFLITO.

Vamos passear, nas próximas páginas, por culturas de outros povos. Aproveite os contos populares para enriquecer seu acervo de histórias!





O conto que você vai ler veio da **cultura grega**. É uma história conhecida no mundo todo e você não pode deixar de conhecê-lo.
Você já teve vontade de voar?

O SONHO DE ÍCARO

Era primavera. Logo que entardeceu, Ícaro ficou admirando a despedida do sol.

O jovem sonhador imaginava-se abraçando o infinito, conquistando as alturas, indo onde nenhum outro mortal jamais havia chegado.

– Como eu gostaria de voaaaarr..., fazer nas nuvens os mais engraçados desenhos..., pular de estrela em estrela..., ser um viajante dos céus! – dizia ele, enquanto observava um velho pedaço de pano que o vento fazia rodopiar sobre sua cabeça.

De repente, aquela simples visão deu-lhe uma brilhante ideia.

– Como não pensei nisso antes?! Primeiro, descubro como fazer voar pequenas coisas, depois ficará mais fácil fazer eu mesmo voar, oras! – disse a si mesmo.

No caminho de volta para casa, deparou-se com alguns garotos da vizinhança.

– Aonde vai com tanta pressa? – perguntou um deles.

– No mínimo, ele está tentando levantar voo – respondeu o outro menino.

Ícaro ficou calado. Sabia que ninguém acreditaria na possibilidade de seu sonho tornar-se realidade. Iriam, mais uma vez, rir dele.

– Falo com vocês depois.

Em casa ele separou todos os materiais que seriam necessários para construir sua invenção: filetes de madeira, linha muito forte e um pedaço de tecido.

Com a madeira, Ícaro fez uma armação e nela prendeu o tecido. Depois, amarrou a linha e correu novamente para a montanha.

Lá do alto, ele soltou sua invenção que, em poucos segundos, o vento suspendeu no ar.

– Deu certo, deu certo! – gritava todo feliz, segurando a outra ponta da linha.

De longe, os garotos assistiam a tudo, boquiabertos.

Porém, houve o dia em que Ícaro empinou seu brinquedo no céu e uma estranha perdiz aproximou-se dele com um canto assustador.

– Será que esta ave está doente? – perguntou-se.

Observe que o sonho do personagem está contado por ele mesmo.

Perceba que, durante a narrativa, o narrador vai apresentando os lugares em que os fatos ocorrem.



Observe que a perdiz age como inimiga. Qual será a sua função na história?

E antes que pudesse obter uma resposta, a perdiz avançou violentamente sobre sua invenção e a fez em pedaços.

Ícaro ficou desesperado e voltou para casa aos prantos. Seu pai, ao vê-lo naquele estado, quis saber o que havia acontecido:

- Era uma perdiz branca, pai. Parecia estar com muita raiva.
- Preciso contar-lhe um segredo – disse Dédalo cabisbaixo.

Então começou dizendo que ainda era muito jovem quando se tornou o mais famoso artesão de Atenas. Todos o respeitavam, pois ele criava os mais incríveis inventos para facilitar a vida das pessoas.

Tudo corria muito bem até que Talo, seu sobrinho, decidiu trabalhar na oficina. Ele era muito criativo, aplicado.

Com o passar dos dias, essa dedicação resultou em criações ainda mais incríveis do que as de Dédalo. A partir de então, todos esqueceram o antigo inventor. Era só Talo. Uma incontrolável inveja dominou Dédalo, fazendo-o cometer uma loucura: empurrar o jovem sobrinho para a morte, do alto de uma colina.

A deusa Atena apiedou-se ao ver aquele corpo jovem e inocente sem vida no chão e transformou-o em uma perdiz branca.

Quanto a Dédalo, foi julgado e condenado, e deveria construir apenas o que o rei Minos mandasse.

A primeira ordem foi a de construir uma prisão para o terrível Minotauro. Então, Dédalo construiu o labirinto de onde nenhuma criatura seria capaz de sair.

- A perdiz que você viu é Talo. Deve estar tentando se vingar! – finalizou o pai.

Ícaro estava imóvel. Não sabia se era por medo da ave ou por ouvir tal confissão do pai.

- O que fazemos agora? – perguntou num sussurro.
- Fique em casa. Não quero que vá para a montanha. É arriscar-se demais – disse Dédalo.

Uma semana depois, teve-se a notícia de que o herói Teseu havia entrado no labirinto, matado o terrível Minotauro e conseguido sair. Logo, o rei Minos exigiu a presença de Dédalo em seu castelo.

- Como é que você pôde me trair dessa forma? – gritou o rei.
- Mas o que foi que eu fiz? – indagou Dédalo, assustado.
- Não minta! Garantiu-me que jamais alguém conseguiria sair do labirinto.

Dédalo não conseguiu convencer Minos de que o traidor não havia sido ele.

- A única maneira de me provar que não foi você é jogando-se dentro do labirinto, junto com seu filho Ícaro! Se saírem, vocês morrerão. Se não saírem, morrerão do mesmo jeito... – sentenciou o rei, ordenando aos soldados que jogassem pai e filho dentro da mais terrível prisão já construída em toda a Grécia.

Durante o percurso até o labirinto, Ícaro ia escondendo, sob a roupa, uma variedade de materiais.

E assim, pai e filho foram jogados no labirinto. Lá dentro, eles caminharam por entre os corredores infinitos. Dédalo logo desanimou:

– É inútil, meu filho, sei que não há meios de sairmos daqui.

Durante dias, os dois ficaram lamentando sua triste sorte.

Houve uma tarde em que Ícaro voltou a olhar o céu... O rastro de cores... O leve tecido de sua roupa voando e... De repente, uma ideia! Uma nova ideia!

– Pai! Pai! Já sei o que vamos fazer! – gritou Ícaro. – Olhe quantas aves passam por nossas cabeças, deixando cair milhares de penas. Vamos juntá-las e construir dois grandes pares de asas. Sairemos voando daqui!

Por mais de um mês, Ícaro e Dédalo ficaram recolhendo penas de aves que pousavam por ali. Quando o número foi suficiente, amarraram-nas com fios de linho e, sob elas, colocaram cera para que ficassem coladas umas nas outras. Depois, prenderam as asas no corpo com tiras de couro.

Estava tudo pronto. Era hora de tentar voar.

– Está ventando muito lá fora, Ícaro. Não se aproxime do sol, para não se queimar – orientou Dédalo.

A princípio, batiam as asas de maneira desequilibrada, mas, minutos depois, pareciam pássaros deslizando pelo céu.

– Conseguimos! – gritavam, extasiados de alegria.

E Ícaro encantou-se com o brilho do sol e com milhares de pontos coloridos brincando diante de seus olhos. Quando Dédalo olhou para trás, mal podia enxergar o filho.

– Não, Ícaro! Volte imediatamente! É muito perigoso...

Era tarde demais. Na altura em que Ícaro estava não podia ouvir. O sol derreteu a cera que juntava as penas e o jovem sonhador deu um mergulho fatal nas águas do mar.

Desesperado, Dédalo tentou procurá-lo, mas avistou apenas uma insensível perdiz branca que voava alegremente por ali.

Será que o sonho de voar vai dar certo?

Veja o desfecho da história.



<http://hd08.deviantart.net/>

Texto adaptado - *O Sonho de Ícaro*, adaptação de Adriana Bernardino.
FTD: São Paulo, 2007.

ESTUDO DO TEXTO

1- O tempo foi marcado, no início da narrativa, a partir de uma estação do ano. Que expressão nos permite concluir isso?

2- No trecho “– Como eu gostaria de **voaaaarr**..., fazer nas nuvens os mais engraçados desenhos...,” a palavra em destaque está escrita de modo diferente do usual. Por que ela foi escrita assim? Que efeito de sentido causou essa forma de escrita?

3- A que se refere a expressão destacada no trecho: “De repente, **aquela simples visão** deu-lhe uma ideia.”?

4- Observe o trecho: “– Como não pensei nisso antes?! Primeiro, descubro como fazer voar pequenas coisas, depois ficará mais fácil fazer eu mesmo voar, oras! – disse a si mesmo.” Que elementos do texto revelam quem está falando?

5- Qual o efeito de sentido produzido pelo uso dos sinais de interrogação e exclamação juntos no trecho do texto “Como não pensei nisso antes?!” ?

6- Ao chegar em casa, Ícaro pôs sua ideia em prática: construiu um brinquedo. O que aconteceu com o brinquedo inventado?

7- No trecho “Em casa **ele** separou todos os materiais que seriam necessários para construir sua invenção: filetes de madeira, linha muito forte e um pedaço de tecido.” a quem se refere o termo em destaque?



8- Qual a reação de Ícaro diante da destruição de seu invento?

9- Dédalo, pai de Ícaro, ao ouvir as palavras do filho, resolve contar o segredo da perdiz e da inveja que sentiu de seu sobrinho. Qual a causa da inveja sentida por Dédalo?

10- Que relação existe entre Talo e a perdiz?

11- Depois de tanta inveja, o que aconteceu com Dédalo?

12- Por que o rei considerou Dédalo um traidor?

13- Que castigo ele sofreu?

14- Qual o efeito de sentido do uso de reticências no trecho “Houve uma tarde em que Ícaro voltou a olhar o céu... O rastro de cores... O leve tecido da roupa voando e...” ?



15- Ícaro e Dédalo recolheram penas, amarraram-nas com fios e colocaram cera. Depois, prenderam as asas no corpo com tiras de couro. “Era hora de tentar voar”. Que conselho o pai dá ao filho?

16- O que aconteceu com Ícaro, por não ter ouvido o pai?

17- O que Dédalo concluiu ao ver “... uma insensível perdiz branca que voava alegremente por ali.”?



Você concorda com as atitudes tomadas pelos personagens no texto? Converse com seus colegas e com seu Professor. As conclusões devem ser escritas no seu caderno e, no quadro, pelo Professor.



Agora, você terá a oportunidade de criar um texto bem diferente.
Capriche na construção, pois o tema é especial: SONHOS.
Crie uma história contando, de forma detalhada, algum sonho tido por você.
Dê um título ao texto. Lembre-se de revisá-lo, observando a pontuação e a ortografia.
Caso deseje, combine com o seu Professor e convide um colega para realizar a atividade com você.

AGORA, VAMOS FALAR SOBRE... PERSONAGENS!

Os personagens de um texto podem ser classificados quanto à função que exercem na narrativa. Podem ser protagonistas, antagonistas, coadjuvantes e figurantes.

▪ Protagonista

Personagem principal. O protagonista de um texto de ficção pode ter qualidades muito elevadas. Pode ser forte, vigoroso, inteligente ou corajoso ao extremo.

▪ Antagonista

Personagem que se opõe à personagem principal. É o vilão.

▪ Coadjuvante

Personagem que apoia o protagonista em suas ações.

▪ Figurante

Personagem que não é fundamental para a trama principal. Tem como único objetivo ilustrar o ambiente e o espaço social que são representados ao longo da trama.

No quadro abaixo, estão personagens do conto O SONHO DE ÍCARO. Classifique-os de acordo com sua função no texto. Basta marcar com um **X** a categoria escolhida.

PERSONAGEM	QUANTO À SUA FUNÇÃO NO TEXTO			
	PROTAGONISTA	ANTAGONISTA	COADJUVANTE	FIGURANTE
Ícaro				
Dédalo				
Os meninos				
Rei Minos				



Multirio

Agora, nossa leitura será de um conto de uma outra cultura: a **africana**. Esse conto popular nos traz uma visão de mundo que vai passando de geração a geração. Vamos ler o texto por partes. Boa leitura!



O LOUVA-A-DEUS E A LUA

Observe que a palavra **deus** foi usada no sentido figurado.

Certa vez, havia um louva-a-deus que tentou pegar a Lua. Ele queria se sentar nela e cruzar o céu todas as noites para que os animais dissessem: “Lá vai o Louva-a-deus viajando na Lua. Ele deve ser um deus e temos que louvá-lo”.

Então o Louva-a-deus poderia, finalmente, passear de forma majestosa. Mas o Louva-a-deus era apenas um inseto, e a Lua ficava muito longe. Mesmo os pássaros da noite, cujas sombras mergulhavam cruzando a face da Lua, nunca a alcançariam; então, como um Louva-a-deus poderia voar até lá – ele, com suas pequenas asas zunindo?

A Lua estava evasiva, porque nem sempre se elevava à mesma hora. O Louva-a-deus decidiu pegá-la assim que ela **despontasse** no horizonte – então estaria grande e desajeitada e subiria com dificuldade no céu.

Responda:

1- No 1.º parágrafo, é apresentado o desejo que move o personagem Louva-a-deus. Que desejo é esse?

2- Observe o trecho do texto: “...poderia finalmente passear de forma **majestosa**.”
Veja como a palavra destacada aparece no dicionário:

Majestoso

Ma.jes.to.so

Adj. (lat majestas+oso) 1 Que tem majestade. 2 Suntuoso, grandioso, imponente.

Quais desses significados, contidos no verbete, a palavra destacada assume no texto?

A palavra **DESPONTASSE** significa surgisse, aparecesse.



3- Veja essa sequência de ideias:

“... o Louva-a-deus poderia finalmente passear de forma majestosa”.

“**Mas** o Louva-a-deus era **apenas** um inseto...”

a) Que ideia expressa a palavra **mas**, no texto acima?

b) Qual o sentido da palavra **apenas**, no trecho acima?

4- No 3.º parágrafo, encontramos a 1.ª estratégia criada pelo Louva-a-deus para pegar a Lua. Que estratégia foi essa?

CONTINUE A LEITURA...

O Louva-a-deus esperou impacientemente durante todo o dia, até as sombras surgirem sob as pedras e os arbustos. Ele ficou observando. E, quando a Lua surgiu, foi tão silenciosa que ele quase a perdeu. Lá estava ela, presa nos galhos de um espinho-de-camelo.

O Louva-a-deus voou para a árvore em movimentos curtos e urgentes. Ele se esforçou para chegar mais alto e se lançou para lá, mas perdeu o equilíbrio e, quando se ajeitou para pular novamente, ela já havia partido.

Conforme ela foi passando para o quarto minguante, foi subindo cada dia mais tarde. O Louva-a-deus era desalentado em sua observação e muito vagaroso para alcançá-la.

Havia vezes em que não aparecia lua nenhuma e as criaturas do deserto ficavam inquietas. Porque, apesar de a lua sempre retornar para iluminar as regiões dos pastos, [...] talvez, uma noite, pudesse simplesmente cair da grande solidão do céu para baixo, aqui na **Terra**, e nunca mais voltar a subir novamente sobre o deserto. [...]

— Vou preparar uma armadilha — declarou o Louva-a-deus.

O Louva-a-deus foi cabisbaixo até um arbusto para pensar e lá refletiu. De algum modo, ele teria de pegar a Lua e montar sobre ela.



Ele cortou uma estaca e a afiou e a fincou no alto da montanha. Ela prenderia a Lua e a seguraria com uma grande flor branca de baobá aprisionada num espinho.

— Ei, Lua tola! — ele gritou. — Agora eu peguei você! Ah, seu Louva-a-deus sábio e astuto!

Mas a estaca apenas traçou uma sombra na face da Lua e então ela se foi.

Responda:

5- Leia o trecho: “Ele cortou uma estaca e **a** afiou e a fincou no alto da montanha ” A quem se refere a palavra em destaque?

6- Perceba que a cada movimento do Louva-a-deus, a Lua fica mais distante dele. O que isso revela?

7- No trecho “— Ei, Lua tola! — ele gritou. — Agora eu peguei você! **Ah, seu Louva-a-deus sábio e astuto!**”, a quem o Louva-a-deus está se referindo, na parte destacada?

E VAMOS CONTINUAR A LEITURA...

O Louva-a-deus gritou com raiva e partiu sua estaca em duas. Ele foi traçar outro plano para enganá-la.

Fez então um *djani*, um bambu comprido e uma pena de perdiz presos numa pequena nervura torcida presa por uma pedra. Arremessado ao ar, ele giraria até o chão, rápido como uma estrela cadente. Certamente giraria em torno da Lua e a traria para baixo.

Quando a Lua estava nova, ele levantou seu *djani* sobre o baobá mais alto e esperou. Quando a lua ascendente estava na altura de seu esconderijo, ele arremessou-o nela. O objeto voou como um chicote, ondulando na curva da Lua. Então caiu suavemente, a pena flutuando como um passarinho caindo. O Louva-a-deus puxou a pedra do *djani* e atirou-o no chão.



A Lua se tornou cheia mais uma vez, e o Louva-a-deus seguiu-a para ver aonde ela ia quando afundava no horizonte. Ele encontrou um profundo lago na areia, pisoteado por cascos de animais e, lá embaixo, bem distante, estava a Lua, presa na água.

Fez uma pausa, fitando o disco brilhante e suspenso. Depois, lançou-se sobre ele, tentando agarrá-lo com suas patas espinhosas. Mas afundou engasgado sob a água.

Por muitas vezes, o Louva-a-deus tentou capturá-la, mas falhou. Finalmente, nervoso, ele pegou uma pedra e a atirou, amaldiçoando-a.

A pedra estilhaçou o reflexo e milhares de fragmentos do luar penetraram os olhos do Louva-a-deus. Cego de dor, ele correu para longe e se escondeu num espinheiro. Não conseguia dormir: não havia escuridão na qual descansar. Não desejou mais ser um deus e montar na Lua para que os animais do deserto o louvassem — ele ficou pensando como poderia um dia ter pensado aquilo.

Subiu pelo espinheiro, para onde os galhos alcançassem o ar morno da noite. Esperou ali até a Lua se erguer. Colocou as patas dianteiras diante de si — fechadas, porque estava rezando — e implorou à Lua que lhe devolvesse a visão.

Então, por fim, ela se fixou na extremidade da pobre solidão do deserto, e o Louva-a-deus permaneceu sentado, curvado para ela enquanto rezava.

Quando veio a luz do dia, a Lua apareceu pálida e serena, e as sombras dos espinheiros caíram afiadas sobre a areia; o voo dos pássaros era seguro e veloz, e o Louva-a-deus sabia que ela havia levado todos os estilhaços de seus olhos.

Isso foi há muito tempo. Mas os filhos do Louva-a-deus continuam vivendo ali, nas cores marrom e verde, como as folhas que mudam de acordo com as estações. E, quando eles se sentam, suas patas dianteiras se erguem em oração para a Lua, que perdoou e restituiu a visão do ancestral deles — o pequeno, de asinhas curtas, que queria ser um deus.



Responda:

8- Qual a função do *djani*?

9- Após ter jogado o *djani* e não ter alcançado êxito, o Louva-a-deus seguiu a lua para ver aonde ela ia quando afundava no horizonte. O que ele, dessa vez, fez para alcançá-la?

10- O que significa a expressão destacada em: “Fez uma pausa, fitando o **disco brilhante** suspenso.”?

11- “Por muitas vezes, o Louva-a-deus tentou capturar a Lua, mas falhou. Finalmente, nervoso, ele pegou uma pedra e a atirou, amaldiçoando-a.”
Que consequência essa ação provocou?

12- Após o clímax, a história continua para chegar ao desfecho, à solução do conflito inicial. O que aconteceu no final da história?



Esse conto nos apresenta dois personagens: o Louva-a-deus e a Lua. A Lua é grandiosa e sabe de seus encantos. O Louva-a-deus tem seus sonhos e tenta realizá-los. O que aconteceria se o Louva-a-deus tivesse conseguido pegar a Lua?

Escreva, em seu caderno, um outro final para a história. Caso deseje, convide um colega para realizar a atividade com você. Combine com seu Professor.



Nossa leitura agora nos levará para outra cultura: a **INGLESA**. “As estrelas do céu” é uma adaptação do original de Carolyn Sherwin Bailey, Kate Douglas Wiggin e Nora Archibald Smith, que está em 'O LIVRO DAS VIRTUDES PARA CRIANÇAS', organizado por William J. Bennett. Esse conto popular fala de um sonho.

Vamos a ele!

As estrelas do céu

Multirrio



Era uma vez uma garotinha que desejava nada mais do que tocar as estrelas do céu. Nas noites claras sem luar, ela se debruçava na janela do quarto e ficava olhando para as milhares de luzinhas espalhadas pelo céu, imaginando como seria se pudesse ter nas mãos uma delas.

Numa noite morna de verão, quando a Via Láctea brilhava mais do que nunca, achou que já não aguentava mais esperar – tinha de tocar numa ou em duas estrelas, fosse como fosse. Pulou da janela e partiu sozinha para ver se conseguiria satisfazer seu intento.

Ela andou, andou muito e chegou a um moinho de vento.

– Boa noite! – disse ela para a mó – Eu gostaria de brincar com as estrelas do céu. Você viu alguma por aqui?

– Ora! Vi, sim! – resmungou a mó – Toda noite elas brilham no meu rosto; a luz vem desta lagoa e não me deixa dormir. Pode mergulhar, minha jovem, que você vai encontrá-las.

A menina mergulhou na lagoa e ficou nadando até cansar, mas não conseguiu encontrar estrelas.

Ela, então, se dirigiu à velha mó:

– Desculpe, mas eu não acho que esta lagoa tenha estrelas!

A menina saiu da lagoa, procurou se secar o melhor que pode e partiu de novo pelos campos afora.

– Boa noite, riachinho! – disse ela, educadamente. – Estou tentando alcançar as estrelas do céu para poder brincar com elas. Você viu alguma por aqui?

– Ora! Vi, sim! – sussurrou o riacho. – Entre na água, minha jovem, que você vai encontrá-las.

A menina entrou, ficou andando pelo riacho, mas não conseguiu encontrar estrela alguma. Dirigiu-se, então, ao riacho, com a máxima delicadeza:

– Desculpe, mas aqui não parece haver estrelas.

– Você está dizendo que aqui não tem estrelas? – replicou o riacho.



– Pois há muitas estrelas por aqui, sim. Eu sempre vejo. Tem noite que cobrem toda a minha superfície, daqui até a velha lagoa do moinho. São tantas que nem sei o que fazer com elas.

E o riacho continuou se lamentando, acabando por esquecer-se da garotinha, que aproveitou e saiu de fininho, tomando os campos outra vez.

Passado algum tempo, sentou-se para descansar numa campina e, num piscar de olhos, cerca de cem fadinhas precipitaram-se a dançar sobre a relva.

– Boa noite, Pequenas Criaturas! – cumprimentou a menina. – Estou tentando alcançar as estrelas do céu. Vocês viram alguma estrela por aqui?

– Ora! Vimos, sim! – disseram as fadas. Venha dançar conosco, mocinha, que você vai encontrar quantas quiser.

Convite aceito, pôs-se a dançar, mas ela não conseguiu ver nenhuma estrela.

– Já cansei de tentar e não consigo alcançá-las aqui embaixo. – Se vocês não me ajudarem, não vou arranjar nunca uma estrela para brincar.

– Se você está mesmo determinada, continue em frente. Siga sempre em frente. Peça ao Quatro Pés para levá-la até o Sem Pés, e diga ao Sem Pés para levá-la até a Escada Sem Degraus, e se você subir lá...

– Vou chegar até as estrelas do céu? – gritou a mocinha. Se você não chegar lá, chegará em outro lugar qualquer, não é mesmo? A menina retomou o caminho, esperançosa, e logo encontrou um cavalo selado, amarrado a uma árvore.

– Boa noite! – disse ela. – Estou tentando alcançar as estrelas do céu. Você me daria uma carona?

– Não sei nada de estrelas do céu – retrucou o cavalo, só estou aqui para atender às Pequenas Criaturas.

– Monte aí e vamos embora.

E os dois se foram, e andaram muito, andaram tanto que saíram da floresta e chegaram à beira do mar.

– Eu trouxe você até o fim da terra, e isso é tudo que Quatro Pés pode fazer.

CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA



A menina apeou e começou a andar pela praia, tentando imaginar o que fazer, até que um peixe maior do que todos os que já tinha visto na vida veio nadando até bem pertinho dos seus pés.

– Boa noite! – disse ela. – Eu estou tentando alcançar as estrelas do céu. Você pode me ajudar?

– Sinto muito, mas não posso – falou o peixe, soltando borbulhas. – A não ser que você tenha ordem das Pequenas Criaturas.

– Mas eu tenho.

– Puxa! Cheguei – sussurrou ela baixinho. E ficou ali, olhando maravilhada para aquilo tudo.

Mas em pouco tempo percebeu que estava tremendo de frio e, ao olhar para baixo, não viu mais a Terra, perdida na escuridão. Quis encontrar sua casa, mas não dava nem para ver as luzes das ruas ou das janelas em meio àquele breu.

“Não vou embora sem ter tocado ao menos numa estrela”, pensou ela. Colocou-se na ponta dos pés e esticou o braço. Esticou ainda mais um pouco... e, de repente, uma estrela cadente passou zunindo pertinho dela. A menina tomou um susto tal que perdeu o equilíbrio.

E caiu, e foi caindo, caindo, escorregando pelo arco-íris. Quanto mais descia, mais o ar esquentava e mais sonolenta ela se sentia. Abriu enorme bocejo, soltou um pequeno suspiro e, sem perceber, entrou em sono profundo.

Quando acordou, estava em sua própria cama.

– Será que eu toquei mesmo nas estrelas? Ou será que foi tudo um sonho?

Sentiu que havia algo na mão e abriu-a, com a palma estendida para cima.

Uma luzinha brilhou e num instante desapareceu. A menina sorriu contente, sabendo que aquilo era um restinho da poeira das estrelas.

Adaptado - Tradução de Ricardo Silveira



ESTUDO DO TEXTO

1- Releia o primeiro parágrafo do texto:

“Era uma vez uma garotinha que desejava nada mais do que tocar as estrelas do céu. Nas noites claras sem luar, ela se debruçava na janela do quarto e ficava olhando para as milhares de luzinhas espalhadas pelo céu, imaginando como seria se pudesse ter nas mãos uma delas.”

Que expressão do texto é utilizada para registrar quando os fatos narrados ocorreram?

2- Qual o efeito de sentido produzido pela repetição da palavra **fosse** no trecho “tinha de tocar numa ou duas estrelas, **fosse** como **fosse**.”?

3- No trecho “Pulou da janela e partiu sozinha para ver se conseguiria satisfazer seu intento.”, que palavra indica o momento em que a caminhada é iniciada rumo às estrelas?

4- Há um momento da narrativa em que a garotinha começa a dialogar com um moinho de vento. Transcreva a primeira parte desse diálogo.



5- No trecho do texto “– **Ora!** Vi, sim!” a palavra em destaque expressa que sentimento em relação à pergunta anterior feita pela garotinha?

6- O que fez a menina quando saiu da lagoa sem ter conseguido encontrar estrela alguma?

7- A garotinha caminhou e encontrou o riacho, mas ainda não encontrou estrelas e, com muita delicadeza, afirmou que ali não parecia haver as estrelas que procurava. Mas o riacho indignou-se e deu uma resposta à garotinha. Transcreva do texto o trecho do diálogo em que esse sentimento torna-se evidente.

8- Após duas tentativas, sem sucesso, a garotinha sentou-se para descansar numa campina. Relacione os personagens que surgem na história, a partir desse momento, a seus respectivos nomes.

PERSONAGENS	NOMES
Fadas	
Cavalo	
Peixe	





9- No texto, aparecem algumas expressões com sentidos novos, figurados. Qual o significado da expressão destacada no trecho abaixo:

“E o riacho continuou se lamentando, acabando por esquecer-se da garotinha, que aproveitou e saiu **de fininho...**” ?

10- Que recurso foi utilizado no texto para representar o barulho do mergulho da menina e do Sem Pés na água?

11- No trecho “Não vou embora sem ter tocado ao menos numa estrela.” aparecem aspas. O que elas indicam?

Multirio



O **enredo**, trama ou intriga é o que dá sustentação à história, ou seja, é o desenrolar dos acontecimentos.

ESTRUTURA DO ENREDO

INTRODUÇÃO	Geralmente coincide com o começo da história. É o momento em que o narrador apresenta os fatos iniciais, os personagens e, às vezes, o tempo e o espaço.
COMPLICAÇÃO	É a parte do enredo em que é desenvolvido o conflito.
CLÍMAX	É o momento culminante da história, ou seja, aquele de maior tensão, no qual o conflito atinge o seu ponto máximo.
DESFECHO	É a solução do conflito, que pode ser surpreendente, trágica, cômica etc. Corresponde ao final da história.

ORGANIZANDO AS IDEIAS...



Agora, volte ao texto AS ESTRELAS DO CÉU e retire de lá as informações necessárias para o preenchimento do quadro resumo.

ESTRUTURA DO ENREDO	
INTRODUÇÃO	
COMPLICAÇÃO	
CLÍMAX	
DESFECHO	



Multitiro



“Quem conta um conto, aumenta um ponto.” Você conhece esse provérbio? Os contos que estamos trabalhando têm origem na tradição popular. Cada povo possui, em sua cultura, histórias que são contadas ao longo do tempo, de geração a geração, e que podem ser enriquecidas pela imaginação, cada vez que é recontada...

Há tempos os homens reproduzem, para os seus descendentes, o modo de vida e as tradições do passado.

Vamos ler, por exemplo, um conto que narra a história de como os índios obtiveram o poder sobre o fogo.

O roubo do fogo

(Povo Guarani)

Em tempos antigos os guaranis não sabiam acender o fogo. Na verdade, eles apenas sabiam que existia o fogo, mas comiam alimentos crus, pois o fogo estava em poder dos urubus.

O fogo estava com estas aves porque foram elas que primeiro descobriram um jeito de se apossarem das brasas da grande fogueira do sol. Numa ocasião, quando o sol estava bem fraquinho e o dia não estava muito claro, os urubus foram até lá e retiraram algumas brasas das quais tomavam conta com muito cuidado e zelo. É por isso que somente estas aves comiam seu alimento assado ou cozido e nenhum outro ser da floresta tinha este privilégio.

É claro que todos os urubus tomavam conta das brasas como se fosse um tesouro precioso e não permitiam que ninguém delas se aproximasse. Os homens e os outros animais viviam irritados com isso. Todos queriam roubar o fogo dos urubus, mas ninguém se atrevia a desafiá-los.

Um dia, o grande herói Apopocuva retornou de uma longa viagem que fizera. Seu nome era Nhanderequeí. Guerreiro respeitado por todo o povo, decidiu que iria roubar o fogo dos urubus. Reuniu todos os animais, aves e homens da floresta e contou o plano que tinha para enfrentar os temidos urubus, guardiões do fogo. Até mesmo o pequeno cururu, que não fora convidado, compareceu dizendo que também ele tinha muito interesse no fogo.

Todos concordaram e procuraram um lugar para se esconder. Não sabiam por quanto tempo iriam esperar. Nhanderequeí deitou-se. Permaneceu imóvel por um dia inteiro.

Os urubus, lá do alto das árvores, observaram com desconfiança. Será que aquele homem estava morto mesmo ou estava apenas querendo enganá-los? Por via das dúvidas preferiram aguardar mais um pouco.

O herói permaneceu o segundo dia do mesmo jeito. Sequer respirava direito para não criar desconfianças nos urubus que continuavam rodeando seu corpo. Foi no fim do terceiro dia, no entanto, que as aves baixaram a guarda. Ficavam imaginando que não era possível uma pessoa fingir-se de morta por tanto tempo. Ficavam confabulando entre si.

– Olhem, meus parentes urubus – dizia o chefe urubu – nenhum homem pode fingir-se de morto assim. Já decidi: vamos comê-lo. Podem trazer as brasas para fazermos a fogueira.

Um grande alarido se ouviu. Os urubus aprovavam a decisão de seu chefe e, por isso, imediatamente, partiram para buscar as brasas. Trouxeram e acenderam uma fogueira bonita e vistosa.

O chefe dos urubus ordenou, então, que trouxessem a comida para ser assada. Um verdadeiro batalhão foi até a presa e a trouxe em seus bicos e garras. Eles acharam o corpo do herói um pouco pesado, mas isso consideraram até muito bom, assim daria para todos os urubus.

Eles colocaram Nhanderequeí sobre o fogo, mas graças a uma resina que ele passara pelo corpo, o fogo não o queimava. Num certo momento, o herói se levantou do meio das brasas dando um grande susto nos urubus que, atônitos, voaram todos. Nhanderequeí aproveitou-se da surpresa e gritou a todos os amigos que estavam escondidos para que atacassem os urubus e salvassem algumas daquelas brasas ardentes.

Os urubus, vendo que se tratava de uma armadilha, se esforçaram ao máximo para apagar as brasas, engolilas e não permitirem que aqueles seres tomassem posse delas. Foi uma correria geral. Acontece, no entanto, que na pressa de salvar o fogo, quase todas as brasas se apagaram por terem sido pisoteadas.

Quando tudo se acalmou, Nhanderequeí chamou a todos e perguntou quantas brasas haviam conseguido. Uns olhavam para os outros na tentativa de saber quem havia salvado alguma brasinha, mas qual não foi a tristeza geral ao se depararem com a realidade: ninguém havia salvado uma pedrinha sequer.

– Só temos carvão e cinzas – disse alguém no meio da multidão.

– E para que nos há de servir isso? – falou Nhanderequeí. – Nossa batalha contra os urubus de nada valeu!

Acontece que, por trás de todos, saiu o pequeno cururu, dizendo:

– Durante a luta, os urubus se preocuparam apenas com os animais grandes e não notaram que eu peguei uma brasinha e coloquei em minha boca. Espero que ainda esteja acesa. Mas pode ser que...

– Depressa. Pare de falar, meu caro cururu. Não podemos perder tempo. Dê-me esta brasa imediatamente – disse Nhanderequeí, tomando a brasa em suas mãos e a assoprando levemente.

Todos os animais ficaram atentos às ações do herói que tratava com muito cuidado aquele pequeno luzeiro. Pegou-o na mão e colocou um pouquinho de palha e o assoprou novamente. Com isso, ele conseguiu um pequeno riozinho de fumaça. Isso foi o bastante para incomodar os animais, que logo disseram:

– Se o fogo sempre faz fumaça, não será bom para nós. Nós não suportamos fumaça.





Dizendo isso, os bichos foram embora, deixando o fogo com os homens e com as aves.

Nhanderequeí soprou de novo. Ele o fazia com todo o cuidado, com todo o jeito. Logo em seguida à fumaça, aconteceu um cheiro de queimado. Isso foi o bastante para que as aves se incomodassem e dissessem:

– Nós não gostamos desse cheiro que sai do fogo. Isso não é bom para as aves. Fiquem vocês com este fogo.

Dizendo isso, bateram as asas e se foram deixando apenas os homens tomando conta do fogo.

Enquanto isso, Nhanderequeí soprou ainda mais forte e, finalmente, as chamas apareceram no meio da palha e do carvão que sustentaram o fogo aceso para sempre.

Percebendo que tudo estava sob controle, o herói ordenou que seus parentes encontrassem as madeiras canelinha, criciúma, cacho-de-coqueiro e cipó-de-sapo e as usassem sempre toda vez que quisessem acender e conservar o fogo. Além disso, o corajoso herói ensinou os Apopocuva a fazer um pilãozinho para guardar as brasas e assim conservar o fogo para sempre.

Dizem os velhos desse povo que até os dias de hoje os Apopocuva guardam o pilãozinho e aquelas madeiras.

MUNDURUKU, Daniel. Contos indígenas brasileiros. Global Editora, São Paulo, 2005.

Glossário:

Apopocúva-Guarani – O grande povo Guarani está localizado em oito estados brasileiros. Sua língua, subdividida em Nhandeva, M'Bia e Kaiowá, pertence ao tronco linguístico Tupi. Sua população é a segunda maior do Brasil. Segundo dados oficiais, chega a 35 mil pessoas. Os Guarani estão presentes ainda em diversos países que fazem fronteira com o Brasil.

Nhanderequeí – Herói civilizador entre os Guarani. Aquele que cria e ensina este povo a manipular seus bens culturais. Nesta história, ele é o herói que ajuda o povo a roubar o fogo e ensina a conservá-lo.

Cururu – Nome genérico dos sapos, em Tupi.

ESTUDO DO TEXTO

1- Após a leitura do texto, responda:

a) Os índios comiam alimentos crus, pois ainda não dominavam o fogo. Por que o fogo estava em poder dos urubus?

b) De que forma os urubus conquistaram o poder do fogo?

c) Todos queriam roubar o fogo dos urubus. Quem foi o herói que resolveu enfrentar os urubus? A qual tribo ele pertencia?

d) Qual a estratégia usada por Nhanderequeí para roubar o fogo dos urubus?

e) Qual foi a reação dos urubus ao perceberem que foram enganados?

f) Por instantes, Nhanderequeí acreditou ter perdido a batalha. Explique o porquê.

g) Como terminou a batalha do Nhanderequeí e os animais contra os urubus?

h) Surpreendentemente, o pequeno sapo cururu foi quem trouxe a solução. Como o sapo cururu fez para conservar uma brasa de fogo?

i) Depois que Nhanderequeí conquistou o fogo, os animais, aos poucos, foram desistindo de ficar com ele. Retire do texto dois trechos que explicitam a decisão dos animais para não ficarem com o fogo.



Multirio

Chegamos ao fim de mais um ano! Siga em frente e leia sempre!!! Veja, a seguir, algumas indicações de leitura de contos:

A Lenda do Timbó – Sonia Rosa – Ed. Pallas.

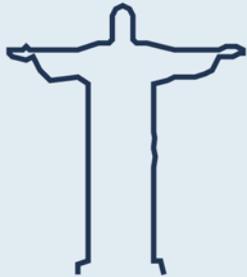
Meus contos africanos – Seleção Nelson Mandela – Ed. Martins Fontes.

Procure na Sala de Leitura a **Maleta L.I.A.** (Literatura Indígena e Africana). Nela você encontrará vários livros. Divirta-se!

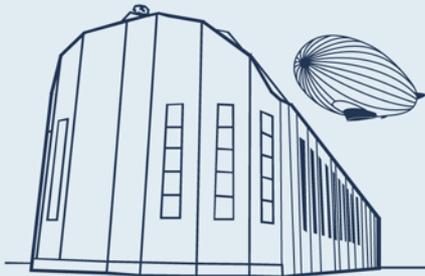
Dicas de estudo



Pão de Açúcar



Cristo Redentor



Hangar do Zeppelin



Maracanã

- Tenha um espaço próprio para estudar.
- O material deve estar em ordem, antes e depois das tarefas.
- Escolha um lugar para guardar o material adequadamente.
- Brinque, dance, jogue, pratique esporte... Movimente-se! Escolha hábitos saudáveis.
- Estabeleça horário para seus estudos.
- Colabore e auxilie seus colegas em suas dúvidas. Você também vai precisar deles.
- Crie o hábito de estudar todos os dias.
- Consulte o dicionário sempre que precisar.
- Participe das atividades propostas por sua escola.
- Esteja presente às aulas. A sequência e a continuidade do estudo são fundamentais para a sua aprendizagem.
- Tire suas dúvidas com o seu Professor ou mesmo com um colega.
- Respeite a si mesmo, a todos, a escola, a natureza... Invista em seu próprio desenvolvimento.

Valorize-se! Você é um estudante da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Ao usar seu uniforme, lembre-se de que existem muitas pessoas, principalmente seus familiares, trabalhando para que você se torne um aluno autônomo, crítico e solidário. Acreditamos em você!